

Tipos de David Keirsey - identificando algumas características II¹

Jean Lauand²
Enio Starosky³

Resumo: O artigo – continuação de sua parte I (in International Studies on Law & Education 33, <http://www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf>) – apresenta exemplos concretos de alguns dos tipos psicológicos de David Keirsey a fim de ajudar na compreensão de como eles se dão na realidade.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos psicológicos. tipos de temperamento.

Abstract: This article – its part I is in International Studies on Law & Education 33, www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf –intends to show concrete examples of some psychological types of David Keirsey in order to help understanding how they are in reality.

Keywords: David Keirsey. psychological types. temperament types.

1. O realismo SP x o realismo SJ

O fator S (de *sensible*) em Keirsey é um dos componentes essenciais de dois tipos de temperamento: SP e SJ (em oposição aos dois outros tipos, N: NF e NT). S é a visão da realidade atendo-se aos fatos, de pés no chão, sem apegar-se a devaneios e fantasias.

Mas os temperamentos não são formados por “átomos” e sim por “moléculas”, no caso: SJ e SP, que terão algumas características em comum; outras, em forte oposição.

Recordemos, brevemente, que J é o átomo da preferência por situações de decisões tomadas, fechadas e resolvidas; das coisas organizadas em relação a tempo e prazos, rotinas de funcionamento, a ordem material etc. P é o átomo da preferência por situações abertas, não decididas, deixando amplo espaço para a improvisação, criatividade (boa ou má...), etc.

Ao indicar as características comuns ao tipo de temperamento SP (que como todos os temperamentos admite 4 modalidades de sub-tipos), o site oficial de David Keirsey (abreviaremos por DK) indica:

Tendem a ser: brincalhões, otimistas, realistas e focados na ação.

Prezam em si mesmos: serem não convencionais, audazes e espontâneos.

Eles “dão”: cônjuges divertidos, pais criativos, e líderes que “apagam incêndios”.

Eles são: capazes de se entusiasmar (excitable), confiam em seus impulsos, querem conquistar com impacto (*want to make a splash*), buscam estímulos, prezam a liberdade e sonham com dominar habilidades de ação.

(<https://keirsey.com/temperament/artisan-overview/>)

¹. A partes I deste estudo encontra-se em www.hottopos.com/isle33/index.htm.

². Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

³. Mestre em Educação e Doutorando em Ciências da Religião (UMESP). Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

Já os SJ:

Tendem a ser: cômicos do dever, cautelosos, humildes, e focados em credenciais e tradições.

Prezam em si mesmos: serem confiáveis, ajudar e trabalhar duro.

Eles “dão”: cônjuges leais, pais responsáveis, e líderes que dão estabilidade.

Eles são: cidadãos responsáveis que confiam nas autoridades, criam grupos e associações, buscam segurança e sonham com a implementação da justiça.

(<https://keirseey.com/temperament/guardian-overview/>)

Originalmente DK afirmava que os SJ eram cerca de 40% da população geral; os SP, outros 40%. O site de DK, hoje, afirma SJ 45% e SP 30%. Em qualquer caso, a maioria absoluta das pessoas é S, realistas de pé no chão.

No artigo anterior e neste, temos visto os estilos (e as possíveis disfunções...) de cada tipo e é muito sugestivo (e intrigante...!) pensar na riqueza da distribuição dessa variedade de modos humanos de se instalar no mundo. Seja como for, quando há grandeza pessoal, abertura e bondade, cada tipo é maravilhoso e traz uma enorme e específica contribuição para aqueles com quem se relaciona. Não há tipos melhores ou piores: grandes virtudes e grandes maldades podem ocorrer em todos os SPs, SJs. NFs e NTs.

Claro que as diferenças e arestas entre SP e SJ dão-se por toda parte. Tipificando (e tipificar é, de algum modo exagerar, carregar, caricaturar), os SP tendem ao lúdico; enquanto os SJ tendem à seriedade, os SP, à ganância; os SJ, a poupar; os SP, ao hedonismo, a curtir o momento, ao *carpe diem*; os SJ ao cumprimento do dever; os SP à cigarra; os SJ, à formiga; os SP à ousadia; os SJ à cautela; os SP ao otimismo; os SJ ao “realismo pessimista” (“já vi esse filme...”)⁴; os SP à aventura; os SJ à rotina; os SP à criatividade; os SJ à tradição; os SP à liberdade; os SJ a consolidar instituições; os SP à improvisação; os SJ ao planejamento regrado; os SP são avessos a esperas; os SJ a mudanças rápidas; etc.

A oposição entre os SP e SJ (SP x STJ) é tipificada na famosíssima cena de “Cantando na Chuva”, quando o apaixonado personagem de Gene Kelly tem sua dança intimidada (e abortada) pela simples presença da autoridade uniformizada do guarda, que não está para brincadeiras...



⁴. Já um típico NF, voltado para as possibilidades (N), pode afirmar, como tipicamente o fez certa vez – a propósito da situação da Hispanoamérica – o grande pensador espanhol Julián Marias: “otimista em relação às possibilidades; pessimista, em relação à realidade” (1986, p. 62).

A caricatura extrema do SP era o Chacrinha: no palco do velho guerreiro tudo era dionisíaco e improvisação; até para o tempo – sagrado na televisão – cantava o jingle: “...um programa que acaba quando termina”; alegria desenfreada etc. Uma imagem exponenciada do Brasil SP. Mais do que ausência de regras, nosso Mega Palhaço, nosso Chaplin investia contra os formalismos, as hierarquias e as regras, escalando para sua carnavalesca bancada de jurados o contraponto de algum tipo sério, sisudo, mal humorado e rígido, como o Doooooooooooooutorr Clécio Ribeiro (mais realista para o papel do que o folclórico Pedro de Lara) ou como quando, em seu gesto mais característico, levava a mão ao nariz e dizia: rrrrrrealllllmente..., esculhambação para com as afetações dos locutores de rádio da época, empenhados em pronunciar “corretamente” os R e os L...



2. ESTP (/ISTP) x ISTJ: o realismo SP x o realismo SJ

O famoso verso de Fernando Pessoa : “Navegar é preciso, viver não é preciso” (precedido de “Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:...”) tem seu mais imediato sentido no original latino “*Navigare necesse; vivere non est necesse*”, frase de Pompeu, general romano, aos marinheiros, com medo de viajar para a guerra.

Essa necessidade, esse *must*, indica bem a compulsão dos SP para a ação, no caso de Vasco da Gama, pela aventura portuguesa dos mares.

Dos ESTP (e parece estar falando do Gama, que pode ser também ISTP), diz DK:

Os ESTP sabem usar a informação adquirida, para, ostentando nervos de aço, engajar-se naquilo que os outros considerariam um esforço suicida. Para outros tipos pareceria algo esgotador, mas o ESTP se excita com trabalhar no limite do abismo. Os ESTP são implacáveis pragmáticos e frequentemente apresentam os fins como justificação para os meios, sejam quais forem, que lhes parecem necessários; lamentáveis, talvez, mas necessários. Geralmente, porém, os ESTP nem se preocupam em justificar suas ações; preferindo lançar-se a realizar a próxima ação. (Keirsey 1984, p. 196-197)

Vale rigorosamente também para o “navegar” dos STP, o que DK afirma de outro tipo SP (o artista ISFP):

A ação é quem impera no ISFP [STP] e não o contrário. Assim, devemos abandonar qualquer ideia de dedicação, cuidadoso

planejamento ou responsável preparação e ensaio. Não. Eles pintam, cantam, fazem piruetas, dançam, correm, patinam ou seja lá o que for, simplesmente porque *they must*. A montanha é escalada porque ela está aí! (Keirsey 1984, p. 204)

Com isto, demos com a chave da aventura marítima portuguesa e do próprio Vasco da Gama: o imperativo do impulso da ação: navegar é preciso!

Claro que para efeitos épicos, Camões começa *Os Lusíadas* falando de edificar “Novo Reino” e de dilatar a Fé e o Império etc. São os tais “fins”, as justificações de que DK falava acima, mas o que os move, em última instância é a ação. Como bom ESTP, Donald Trump expressou isto de maneira categórica: “Eu não faço negócios pelo dinheiro. Dinheiro, eu já tenho de sobra. *I do it to do it*”⁵

Essa compulsão da ação é parte da suspeita com que o SJ encara o SP; a praia dos SJ é a segurança. Se procurarmos as expressões dos tipos nos provérbios, a quase totalidade deles são dos SJ e SP, os realistas. O SJ, que valoriza o passado e a experiência (e porque se apega à experiência) pode tender a um pessimismo (macaco velho...); já o SP vê a realidade como um risco que vale a pena.

Os SJ dirão: mais vale um pássaro na mão do que dois voando. De grão em grão a galinha enche o papo. Um homem prevenido vale por dois. Devagar e sempre. Pense duas vezes antes de agir. O seguro morreu de velho. Como está o mundo, aonde vamos parar! A pressa é inimiga da perfeição. Quem espera sempre alcança. Deus ajuda quem cedo madruga.

O SP prefere outras expressões e provérbios como: Quem não arrisca, não petisca. O que não mata, engorda. *Carpe diem* (curta o momento). Mais vale um gosto do que seis vinténs. Quem não tem cão caça com gato. O amor é eterno, enquanto dura... Águas passadas não movem moinhos. *Bis dat qui cito dat* (só dá de verdade quem dá rapidamente). É agora ou nunca. Demorou! E, é claro: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Em meio à toda a celebração épica do heróico Vasco, a genialidade de Camões introduz nos *Lusíadas* um personagem de contraponto, o Velho do Restelo, que pretende desmascarar toda aquela “glória”, a (pseudo) motivação de dilatar a Fé e o Império e mostrar a **realidade** da aventura. Atrevemo-nos a qualificar o Velho do Restelo como ISTJ, porque esse é o tipo mais refratário à mudança e à aventura e o mais preocupado com os perigos que ameaçam desestruturar a nação, a família, a religião, a sociedade, as instituições, a civilização etc. (Keirsey 1984, p. 189) São aqueles tios conservadores, super formais, sempre de terno (cinza) e que vêm na gíria ou na música apreciada pelos jovens, ou numa saia mais curta, praticamente sinais apocalípticos: “É o fim do mundo!”. “No meu tempo, sim, havia respeito...”

Cabe aqui o relato de um caso com um ISTJ (desses de alma grandiosa), Fernão (chamemo-lo assim...), muito amigo nosso, *maitre* de um grande restaurante em São Paulo. Para se ter ideia da ISTJice dele, uma vez confidenciou-nos da saudade viva, mesmo décadas depois, que sentia do seu tempo de exército: “Aquilo era uma maravilha, tínhamos o RDE (Regulamento Disciplinar do Exército), contendo regras para tudo, regras e mais regras...”. E em seu restaurante ele tinha que pacientemente ensinar às suas dezenas de subordinados até as normas mais elementares. Ele que é um profissional insuperável, capaz de perceber a menor falha no bom atendimento das centenas de clientes que lotam a casa. Enfim, o Fernão não fica nada a dever ao *maitre*

⁵. Cit. in Trump - <https://www.idrlabs.com/estp.php>

do palácio de Buckinkgam. Mas, claro, esse seu trabalho importantíssimo permanece invisível.

Dezembro de 2011, meu irmão [de JL], João Sérgio, tinha acabado de defender seu doutorado sobre DK na Feusp e calhou de, na véspera de Natal, estarmos ambos sós em São Paulo e resolvemos passar a Ceia do dia 24 no restaurante do Fernão. Naturalmente, falamos de seu doutorado, ainda fresco, e de como o Fernão era um ISTJ chapado. Conversa vai, conversa vem, propus ao João uma aposta: se eu conseguisse fazer o Fernão chorar, ele pagaria a conta. Claro que nunca usei meus (parcos) conhecimentos de DK para manipular ninguém: tratava-se de comover às lágrimas o Fernão, por gratidão sinceríssima e verdadeira.

Como abalar o todo certinho e (aparentemente) blindado a sentimentos ISTJ? Lembrei dos ensinamentos de DK: que os SJ, e mais ainda os ISTJ, se ressentem de que seu trabalho, importantíssimo, raramente é reconhecido, dá-se por assente que o SJ, com sua vocação de cuidar, tem mais é que prestar seus serviços mesmo. E que o ISTJ, como todos os SJ, preza datas, comemorações, tradições, reuniões de família (especialmente o Natal!) etc.

Lá pelas tantas chamei o Fernão e disse: “Não, não está faltando nada, está tudo ótimo. Eu só queria dizer que estamos todos nós aqui, famílias inteiras, passando um Natal maravilhoso e ninguém repara que isto só é possível porque, você, Fernão, para prestar-nos esse precioso serviço, renunciou ao seu próprio Natal, ao convívio com a família da qual você é o patriarca, à companhia de filhos e netos, numa data como a de hoje e eu não queria que esta noite acabasse sem que você ouvisse o nosso: muito, muito obrigado, Fernão!”.

O Fernão ouviu, não respondeu nada e retirou-se. O João já estava comemorando e ia pedir champanhe por minha conta (já que ele achava que tinha ganhado a aposta), quando volta o Fernão, acompanhado do dono do restaurante e de 3 ou 4 colegas gerentes, choroso de emoção e dizendo-me: “Por favor, repita... repita para eles o que o senhor me disse agora há pouco”. Eu, claro, repeti, também muito emocionado pelo bem que tinha feito ao amigo, e ao final, recompus-me e disse: “Ah, sim, Fernão, por favor, vê uma garrafa de champanhe para nós!”

Se os ISTJ tendem a nunca aparecer (por mais que seu trabalho seja importante), os ESTP agitam e brilham (em alguns casos até com o esforço de outros...). DK reiteradamente fala do pouco reconhecimento que se presta aos SJ (seu serviço é *taken for granted*) e da mágoa que isso pode lhes causar. Isso é reproduzido em uma postagem do Facebook do ISTJ Geraldo Alckmin:



Escrevemos este artigo em pleno processo eleitoral. O jornalista Otávio Guedes, no programa “Globo News em Ponto” de 30-08-18, logo após as entrevistas dos candidatos à presidência da República ESTP, Ciro Gomes (27-08) e Bolsonaro (28-08), e do ISTJ Alckmin (29-08); a propósito do estilo insosso deste, o famoso “picolé de chuchu” (José Simão), em comparação com o dos citados ESTP, ponderou:

Não basta você ter uma boa proposta; é preciso que o eleitor entenda a boa proposta (...). Por exemplo você pode dizer: “Eu vou aquecer a economia, atacando o problema da inadimplência das famílias”; outra coisa é dizer: “Vou tirar seu nome do SPC” – mensagem clara, curta, objetiva, que está falando a mesma coisa. Você pode dizer o seguinte: “Vou dar garantias jurídicas aos agentes em caso de ações que resultem em letalidade por parte do policial”. Ou você pode dizer: “Eu vou prestigiar o policial que der trinta tiros no bandido.” [...] (<https://globosatplay.globo.com/globonews/v/6983962/>)

3. Ainda Vasco da Gama e o Velho do Restelo

Voltemos ao Velho de Camões. No Restelo, em Lisboa, está a região do embarque dos navegadores (ainda hoje margeada pela Avenida das Descobertas e pela Avenida Dom Vasco da Gama). No canto IV, o Gama em primeira pessoa, narra o embarque. É um momento dramático, toda a cidade concorre para o evento, os marinheiros (acompanhados de multidão de religiosos) vão em procissão para os batéis (IV, 88). Mães, esposas e irmãs na extrema aflição da possível (ou até provável) morte dos seus amados (IV, 89 e ss.). Como por exemplo, a queixa da mãe:

Por que me deixas, mísera e mesquinha?
Por que de mim te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento! (IV, 90)

Mas como navegar é preciso, “o forte Capitão” dá ordem de que ninguém se despeça, nem olhe para trás:

Nós outros sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assim nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa. (IV, 93)

Neste momento, surge o Velho do Restelo, um ISTJ, de quem o gênio de Camões diz que seu “saber (é) só de experiências feito”, tirado do “experto (experiente) peito” e vai atinar com as verdadeiras motivações de nosso STP, a compulsão da ação – “dura inquietação d’alma e da vida (IV, 96) – para a glória das batalhas, em sentido próprio e também a batalha que era a navegação naquele tempo:

Glória é um conceito que os ISTP entendem melhor do que os outros tipos. Ou, pelo menos, o ISTP está mais interessado nela do que a maioria. Na batalha há glória porque na batalha podem exercitar, com aprovação, sua habilidade mortífera.

Enquanto embarcam, surge o Velho:

Mas um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito: (IV, 94)

Nas estrofes seguintes (94 a 104), o Velho despeja longamente suas críticas e maldições aos aventureiros do mar:

Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atixa
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas! (IV, 94)

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios:
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo di[g]na de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana! (IV, 95)

Etc. Etc.

Nem o Gama nem Camões contestam o “velho honrado” em suas críticas e o canto seguinte começa com a conclusão do episódio: simplesmente deixando-o para trás:

Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: "Boa viagem", logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento. (V, 1)

4. SJ e SP na religião

Como sabemos, a teoria keirseana dos temperamentos também tem extraordinária e surpreendente aplicação no campo religioso. Textos religiosos em geral, particularmente os que se referem à liderança religiosa, podem ser analisados com maior profundidade quando lidos à luz dessa teoria tipológica. Um dos mais impressionantes nos vem do antigo Decálogo (Dt 6.5)⁶, que é registrado pelo médico Lucas, autor de um dos evangelhos da Bíblia: *“Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com toda a tua mente”* (Lucas 10.27).

Podemos muito bem estabelecer um paralelo com os quatro temperamentos da teoria keirseana: *“Com todo o teu coração”* – remete ao tipo SP; *“com toda a tua alma”*, ao NF; *“com todas as tuas forças”*, ao SJ; e *“com toda a tua mente”*, ao NT.

Neste tópico exploraremos apenas os tipos SP e SJ, apontando as correlações desses temperamentos keirseanos com a liderança religiosa. Os principais dados reunidos neste estudo estão fundamentados no livro *“Personality Type and Religious Leader”*, de Roy Oswald e Otto Kroeger.

O líder religioso SP é orientado para a ação. Sua atividade é realizada de maneira intensa, *“com todo o coração”*. Tem necessidade compulsiva de agir e fazer coisas e é naturalmente atraído a se engajar em alguma atividade. Assim como o líder SJ, está enraizado nos sentidos e deseja estar com contato direto com a realidade exatamente como experimentada pelos sentidos; é pé no chão e prático e tem pouca tolerância para a abstração. O fator P leva a procurar novas possibilidades e, no caso do SP, permanente ação. Por isso mesmo o líder SP é impaciente com discussões estáticas, longas teorias ou encontros que não *“levam a lugar algum”*. O SP é um dos temperamentos mais extraordinários (lembramos especialmente S. Francisco de Assis, entre outros). Os SPs sempre buscam inserir bom humor e algo prático nas situações estáticas. Porém, quando falham nisso, perdem rapidamente o interesse e passam a outro projeto.

De acordo com os estudos de Roy e Otto, menos de 8% dos líderes religiosos são SP, enquanto na população em geral são 38%. Isso mostra que as atividades religiosas, de modo geral, atraem poucos SPs. De fato, se compararmos o número expressivo de outros profissionais de temperamento SP – atletas, artistas, comediantes, mecânicos, vendedores, soldados ou médicos – constataremos que esse tipo seja pouco atraído para atividades religiosas por achá-lo muito estático e teórico (dependendo, é claro, do grupo religioso ser mais *“animado”* ou não...). É importante considerar esse aspecto, sobretudo porque, enquanto os SJs querem organizá-las, os NFs tentam amá-las e os NTs teorizam sobre elas, os SPs querem se engajar nelas – de todas as formas sempre em atividades e assuntos práticos. Mas, é muito provável que este também seja o motivo porque tão poucos SPs estão presentes nas lideranças religiosas. SPs são encarados como hedonistas e hedonistas têm pouco espaço nas religiões de modo geral – especialmente nas mais tradicionais que prezam a ordem e a organização.

O aspecto paradoxal é que a enorme variedade das atividades práticas nas religiões estariam melhor supridas e mais bem executadas se tivesse um SP em postos de liderança. Isso é ainda mais significativo quando consideramos que particularmente o atendimento das necessidades práticas é muito valorizado nos grupos religiosos. Portanto, mais SPs na liderança poderia suprir uma importante lacuna nas atividades

⁶ O texto veterotestamentário não inclui *“com toda mente”* (o tipo NT). Parece ter sido um acréscimo de Jesus (que – para os cristãos – reunia perfeitamente o equilíbrio dos quatro temperamentos). E, Lucas, que provavelmente conhecia a mais antiga teoria tipológica que se tem conhecimento, Hipócrates – seu colega de profissão –, fez o registro sem hesitar.

religiosas que deveriam estar mais disponíveis para o expressivo número de SPs na população em geral (38%).

Ainda que sejam em número muito reduzido, os SPs se destacam onde estiverem. Seu jeito espontâneo, atrevido e impulsivo se aplica também ao seu estilo de pregar. Os pregadores SP, especialmente os extrovertidos, levam as pessoas às lágrimas com suas palavras comoventes e bem-humoradas. Muitas situações na vida do grupo religioso exigiriam a presença de um líder SP, pois muitas ocasiões estão voltadas mais para a ação e menos para a organização.

Outra característica cativante e deliciosa de alguns SPs é que eles são perpetuamente jovens – nunca crescem. Como seu foco é liberdade e espontaneidade, esperar (*wait*) por qualquer coisa é sua morte psicológica. O Evangelho SP é o de São Marcos.⁷ Jesus é retratado como um homem (Leão de Judá) de ação, sempre em movimento; ele é visto como aquele que tem uma missão urgente. No primeiro capítulo do Evangelho, Jesus já reuniu alguns discípulos em volta dele; fez milagres na Galileia e se envolveu em um problema político. No evangelho todo, Jesus trata uma crise depois da outra até ser crucificado.

Talvez as religiões seriam muito mais interessantes sem a grande escassez de líderes SPs e, a vida religiosa, mais interessante e animada. Especialmente porque SPs preservam fortemente a sua maior grandeza: um coração inteligente e uma inteligência cordial (no caso F)!

Disfunções:

Os outros três temperamentos (SJ, NF e NT), mas especialmente os SJs – que são a grande maioria nas comunidades religiosas em geral – tendem a ver os SPs como vagabundos. (O exemplo clássico é São Francisco, cuja história e tipo já foram analisados em outro artigo de nosso Grupo de Pesquisas). E os próprios SPs frequentemente se consideram loucos de alguma forma. A habilidade SP para permanecer aberto, flexível e espontâneo também pode deixá-lo com problemas quando sua comunidade religiosa clamar por maior conformidade com as regras e princípios regimentais. Por um lado os liderados querem exatamente um SP autêntico; querem familiaridade, boas e empolgantes pregações, mas, por outro, também querem estabilidade, organização e seriedade. Aí o líder SP pode ter dificuldade. E, por não gostar de rotina, pode se entediar e negligenciar os aspectos mais rotineiros do trabalho de administração. Como a maioria dos SPs não gosta de planejamentos, tendem a enfrentar tensão com a comunidade religiosa que gosta de viver na ordem e na estrutura bem ordenada.

O líder religioso SJ

Sua atividade é conservadora e é realizada “*com todas as forças*”. É um servo, procura pertencer ao grupo e servir aos outros. É um tipo que sabe se instalar perfeitamente nas comunidades religiosas. É um líder que já vem “pronto”. Oferece naturalmente maneiras concretas, práticas de assistir aqueles que estão em dor, necessidade ou angústia. Já na sua formação os SJs se preparam docilmente e suas perspectivas são ampliadas e aprofundadas e com natural facilidade também se tornam a norma pela qual seu trabalho será julgado. SJs são os mais dependentes de autoridade de todos os tipos. Eles podem ser criticados, já que possuem grande força resiliente, e seguem em frente porque entendem que é isso mesmo que a instituição

⁷ Não por acaso São Jerônimo ligou o Evangelho de Marcos à figura de um leão, representando a ação e a força.

requer deles. Submetem-se às regras e aprendem com elas e as repetem com maestria. Seu estilo de liderança está focado na denominação e a ela mantém fidelidade e nela constroi o melhor que vem do passado. Enfatizará os fundamentos da religião, , procurará transmitir a tradição às pessoas, a fé simples e as regras práticas, pé-no-chão, apontando para o modo de viver a vida religiosa.

O líder SJ tende a ser o mais tradicional de todos os temperamentos religiosos, trazendo estabilidade e continuidade em qualquer situação. Tenderá a ser leal aos ritos denominacionais e às doutrinas. Preocupar-se-á com uma rigorosa instrução dos fiéis. O líder SJ deseja ser um servo da sua religião e leal às autoridades. Só deixa de lado sua rígida fidelidade quando acredita que aqueles que têm autoridade “abandonaram a fé”. O líder SJ pode fazer mudanças, mas, de preferência, paulatinamente e só se reconhecer a mudança como necessária. O líder NT pode enxergar as mudanças necessárias, mas o líder SJ é o mais apto para implementá-las. É politicamente sagaz e enraizado na realidade; sempre está ciente dos passos necessários para a mudança e jamais permitirá uma mudança se a achar desnecessária. Para ele, o que é testado e validado pelo passado deve ser preservado. Adora a continuidade do passado e se vê como protetor e conservador da riqueza do passado. Se a mudança for necessária, ela é entendida como uma evolução, nunca como uma revolução. Como seu espírito é conservador e naturalmente servidor, anseia por associação e pertencimento; ele se destaca na construção e preservação de uma comunidade religiosa. Deseja que o grupo ao qual pertence e lidera seja saudável e útil. E que aqueles que pertencem à sua comunidade religiosa sejam tão leais quanto ele e trabalhará para que todos adotem esse mesmo senso de lealdade e pertencimento.

Uma das frases preferidas do líder SJ é *"vocês devem e vocês não devem"*, procurando implantar o senso de obrigação social, moral e espiritual. Gosta de se sentir necessitado e trabalha melhor com pessoas que têm motivação similar. Procura maneiras tangíveis, concretas para se doar aos outros. Ser "salvo pela graça" é quase negar ao SJ seu temperamento, pois dever e obrigação são parte de sua personalidade. A admoestação de Jesus ao jovem rico: "faça isso e você terá vida eterna" é o caminho espiritual natural do líder SJ. Como líder, o SJ traz ordem e estabilidade às suas comunidades. Raramente comete erros e tende a ser excepcional no trabalho. Não descansa até que as coisas sejam estabelecidas e decididas. É superconfiável e geralmente trabalhará com uma agenda planejada, ordenada.

Como bem sabemos, o temperamento SJ é a coluna vertebral que sustenta a maioria das instituições da sociedade – a família, a comunidade religiosa, os clubes sociais, as escolas, governos, indústria. O líder religioso SJ verá a família nuclear como a unidade familiar mais básica da sociedade que precisa ser preservada. Para ele, uma sólida família é a melhor maneira de cuidar das crianças e pessoas mais velhas. As pregações do líder SJ são discursos bem organizados e centrados nos textos da tradição religiosa. Sempre será pé-no-chão, realista e direto, refletindo as lições apontadas para o dia. E o fará que tal modo que os que estão nos bancos facilmente se lembrarão do seu trabalho e obrigação.

O Evangelho do líder SJ é São Mateus, o mais organizado dos quatro Evangelhos. O Sermão da Montanha contém vários “deves” do tipo SJ. Jesus é apresentado como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento e não como alguém que apresenta uma nova religião. Mateus se refere a Jesus como “Mestre” doze vezes e registra cinco longos sermões. O Antigo Testamento é citado mais do que nos outros três Evangelhos. Mateus se deleita em mostrar como Jesus recapitula a experiência de Israel em sua própria vida. É apresentado como o novo Moisés, o novo Davi, o novo Salomão, o profeta por Excelência, o novo Israel. Curiosamente também somente o Jesus de Mateus fala de *ekklesia*. E é o único Evangelista interessado na fundação da Igreja de Cristo. Os doze apóstolos são reverenciados como líderes hierárquicos da igreja, sendo Pedro o principal líder. São aspectos que refletem o

estilo da liderança SJ: ser o guardião da genialidade criativa do passado. Os outros temperamentos podem censurar os SJs pelo seu tradicionalismo e sua inflexibilidade. Porém, sem os seus esforços, sem o seu amor “*com todas as suas forças*” qualquer instituição religiosa dificilmente sobreviveria.

Disfunções:

As potenciais dificuldades do temperamento SJ não são poucas. E, a bem da verdade, o líder religioso SJ não se desenvolve sem ao menos um pequeno desenvolvimento do fator N. A preferência para o tipo J implica menos tolerância para a natureza aberta e não-estruturada do tipo P.

Áreas em que pode necessitar atenção:

Literalismo: o líder SJ tende a ler literalmente tudo o que está escrito. Isso em geral resulta em uma abordagem mais conservadora da Escritura e da Doutrina. Torna-se nervoso quando as mensagens são interpretadas figurativa ou simbolicamente – acha que as fronteiras desaparecem e ninguém mais sabe esboçar novas diretrizes e em que base. Por isso mesmo acha que deve tomar as coisas escritas simplesmente como estão escritas.

Pessimismo: Um tipo de cinismo/pessimismo pode acompanhar o temperamento do SJ. Como David Keirse pontua no seu livro, os realistas SJ em geral tendem a antecipar reveses e eventos desfavoráveis. Eles são simplesmente realistas sobre erros e faltas. A lei de Murphy também é completamente SJ: “Se algo pode dar errado, dará”.

Esgotamento: O fenômeno do esgotamento se aplica a todos os tipos; cada tipo se torna esgotado a sua maneira. Porém, o líder SJ parece ser particularmente vulnerável, pois adiciona mais e mais fardos para a sua já longa lista de “tu deves”. E este mesmo senso de dever pode ser constantemente martelado com suas regras, políticas e moralismos aos seus liderados. A habilidade do SJ em organizar e ordenar a vida paroquial é uma força que, quando usada desmedidamente, pode direcionar muitos ao completo aborrecimento da vida religiosa. O líder SJ precisa observar essa tendência. Se não a corrigir, pode tornar-se mesquinho e levar as pessoas a fazer o que supostamente devem fazer de maneira artificial. O líder SJ poderá se irritar quando seus liderados não seguirem os seus procedimentos padrão, por violarem os prazos ou por não cumprirem o que foi estabelecido. Como tende ao pessimismo, o líder SJ pode arrastar seus liderados para o mesmo caminho.

5. Anexo metodológico: tipos não são conceitos

Para esta série de artigos que nosso Grupo de Pesquisas está publicando, uma distinção importante a se ter sempre em conta quando aplicamos a metodologia dos tipos é que os tipos não são conceitos.

O tipo é, assumidamente, aproximativo, incerto e não pretende ser a realidade. Para utilizá-lo, sempre devem ser reiteradas as devidas ressalvas metodológicas, que afirmam:

- seu caráter caricato (no sentido de “carregado”);
- a possibilidade de mistura de fatores opostos dentro de um mesmo sujeito (que pode ser, por exemplo, em alguma medida *S* e *N* ao mesmo tempo e não necessariamente um tipo puro *S* ou *N*);
- a neutralidade ética e valorativa dos diversos tipos (um tipo não é “melhor” do que o outro).

E sobretudo não confundir **tipos** e **conceitos**. E ter em conta que o tipo psicológico é só **um** fator para a compreensão do indivíduo; ao lado de tantos outros fatores: gênero, classe social, família (p. ex. pai tirano ou ausente), geração, classe social, substrato cultural etc. etc. etc.

A própria linguagem comum já nos ensina algo sobre os tipos e previne contra sua absolutização: em espanhol, “*tipo* (ou *tío*)” é qualquer pessoa, equivalente ao nosso “cara”; afinal, ninguém é tão original que não se encaixe em algum tipo... Já a relativamente recente gíria “tipo” (ou “tipo assim”) indica imprecisão, inexatidão: “500 francos suíços, sei lá, acho que é tipo 300 ou 400 dólares”. “Tipo” serve também como eufemismo para o inautêntico ou *Ersatz*: um salame “tipo” italiano é **não** italiano, mas de Pirituba mesmo. E a “baiana típica” não existe senão para marcar presença em banca de acarajé ou para figurar em selfies de turistas...

O próprio Max Weber adverte:

Um tipo ideal é normalmente uma simplificação e generalização da realidade. Partindo desse modelo, é possível analisar diversos fatos reais como desvios do ideal: Tais construções (...) permitem-nos ver se, em traços particulares ou em seu caráter total, os fenômenos se aproximam de uma de nossas construções, determinar o grau de aproximação do fenômeno histórico e o tipo construído teoricamente. Sob esse aspecto, a construção é simplesmente um recurso técnico que facilita uma disposição e terminologia mais lúcidas” (WEBER, Max. “As rejeições religiosas do mundo e suas direções” cit. in Quintaneiro 2003, p. 103):

E um parágrafo weberiano clássico na caracterização do Tipo Ideal:

acentuação unilateral de um ou mais pontos de vista e como uma síntese de um grande número de fenômenos concretos individuais, que são difusos, descontínuos, mais ou menos presentes ou então ocasionalmente ausentes, que são ordenados de acordo com esses pontos de vista acentuados unilateralmente, de modo a formar-se uma construção analítica unificada” (cit. por Barreto 1999)

Essas afirmações são importantes e têm consequências: há situações que requerem a condição aberta dos tipos; em outras pode-se fechar com conceitos bem estabelecidos. Claramente, em Matemática, há, digamos, o conceito de triângulo retângulo e é rígido e imutável; em outras ciências, podemos também falar do conceito de mamífero, ou de isótopo etc. O problema surge em situações (como é o caso tantas vezes em Ciências Humanas) nas quais não fica claro se se trata de um conceito ou de um tipo, o que é frequentemente discutido em Direito e deve sê-lo também em Religião.

No Direito, discute-se a aplicabilidade de tipos (x conceitos). Derzi assim considera as diferenças entre tipo e conceito:

Opondo-se ao nominalismo, que vê na desigualdade a característica básica do mundo real, o conceito, no sentido aristotélico de “essência” da coisa, une os objetos em classe pela identidade e distingue-os segundo a diferença de espécie, mas sempre tem como pressuposto a idéia de que o conceito mais específico e menos geral estará contido naquele superior e mais amplo da mesma classe.

Igualmente, o tipo ordena o conhecimento segundo as semelhanças e dissimelhanças encontráveis nos indivíduos, mas abole o rigor da identidade e admite as transições fluidas, a comparação e a gradação entre as diferentes ordens. (Derzi, pp. 214-215)

E também:

O tipo, como uma nova metodologia para o Direito, vem a ser uma ordem que se opõe ao conceito classificatório rígido e exato. Consiste em uma nova metodologia que vem proposta tanto para ordenar o conhecimento jurídico científico, como para aplicar o Direito em cada caso concreto. Em face dessa concepção, o pensamento conceitual abstrato e fechado, como observa Leenen, é considerado arcaico, vale dizer, tanto antiquado, a merecer uma superação, como originário. (Derzi, pp. 221-222)

Mesmo para o Direito Tributário, Castro alerta para casos nos quais há a necessidade do emprego de tipos e em que os conceitos não são apropriados:

Limitar o fenômeno tributário aos conceitos significa condenar a atividade tributária a uma miopia inaceitável, considerando a necessidade de financiamento das despesas públicas por intermédio de novas manifestações econômicas que demonstram, de forma inequívoca, capacidade contributiva. Por outro lado, o tipo mostra-se como “um sistema elástico de características”, marcado pela abertura, pela gradação, pela flexibilidade e facilitador ou viabilizador da apreensão dos fenômenos econômicos mais importantes para a tributação, justamente aqueles descritos pelo constituinte. Nesse rumo, o tipo funciona como uma *categoria* alternativa ao conceito e visceralmente mais adequada para lidar com as flutuações intensas da realidade econômica. Portanto, os vocábulos constitucionais delimitadores da realidade econômica tributável são, em verdade, tipos.

Erroneamente, o tipo foi introduzido no direito tributário brasileiro com o sentido de algo “fechado” ou “hermético”. Daí surgiram as expressões “tipo tributário” e “princípio da tipicidade fechada ou cerrada”. Em verdade, o “tipo fechado” mostra-se como uma contradição em termos. Se é tipo é aberto. Se é fechado é conceito. Não existe o “tipo fechado”, assim como não existem o “frio quente” ou o “branco preto”. (Castro 2011)

E foca no caso de “serviços” (e as correspondentes consequências tributárias...):

Entre os vários tipos constitucionais-tributários, o *serviço* aparece como um dos mais ricos e complexos. Justamente porque as mudanças no campo econômico produziram um considerável alargamento do que se entende por *serviço*, adotada como ponto de partida a idéia de *serviço* como “obrigação de fazer” ou “atividade humana em benefício alheio”.

O sentido do vocábulo absorveu de tal forma a complexidade da realidade econômica e a representação de uma gama tão ampla de atividades que a famosa revista *The Economist* chegou a consignar *serviço* como “*qualquer coisa vendida que não cai em seus pés*”. [...] A noção em questão, vista como tipo, pode ser atualmente enunciada, somente para efeitos práticos, como “a realização de atividade econômica voltada para produzir alguma utilidade para terceiro”. Assim, não escapa da caracterização como *serviço* a locação de bens móveis.

Evidentemente no campo das interpretações religiosas e da moral cristã, também se dá o embate entre a “clareza” dos conceitos e a adaptabilidade dos tipos. Quando o pastor Silas Malafaia esbraveja suas certezas, defende-se das acusações de homofobia e preconceito contra gays: “eu não acho, eu tenho **conceitos** bíblicos (...) eu não tenho preconceitos; eu tenho conceitos firmados” e “Deixa eu te falar uma coisa que você não sabe (...) O mesmo Deus que fala sobre amor lança o homem no inferno [etc.]” (<https://www.youtube.com/watch?v=-pwXJCotDCU> – 2 min e ss.)

Do mesmo modo, o então candidato a assumir o lugar do falecido Teori Zavascki no STF, o ministro do TST Ives Gandra Filho, provocou polêmica ao evocar o conceito de família e afirmar: “casais homoafetivos não devem ter os mesmos direitos dos heterossexuais; isso deturpa o conceito de família”. (<https://www.revistaforum.com.br/cotado-para-stf-ives-gandra-filho-defende-submissao-da-mulher-ao-marido/>)

Sem pretender relativizar a doutrina e a moral cristãs, lembramos o fato de que Cristo não elaborou conceitos. Se o pensamento grego tem seu lugar no *logos*, nos conceitos e na argumentação lógica; o *mashal*, a parábola é “a cara” do Oriente. Cristo não está preocupado em elaborações conceituais nem empreende requintados debates lógicos: dEle, o evangelho diz - Mt 13, 34-35 – que só falava em *mashalim*, parábolas: “E sem parábolas nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’”. E quando é perguntado pelo “próximo”, Cristo não procura estabelecer aristotelicamente uma conceituação teórica (“A diz-se próximo de B se, e somente se, tal e tal ...), mas simplesmente conta a parábola do bom samaritano...

Referências

- Barreto, Maria Cristina Rocha **A Sociologia em Max Weber** Mossoró: DCS/URRN, 1999. <https://dokumen.tips/documents/leituras-de-sociologia-3-weber.html>
- Castro, Aldemario Araujo “Uma análise crítica acerca da idéia de serviço consagrada na súmula vinculante 21 do STF” **Revista da PGFN**, ano 1 número 1, jan/jun. 2011. <http://www.sinprofaz.org.br/2014/artigos/uma-analise-critica-acerca-da-ideia-de-servico-consagrada-na-sumula-vinculante-21-do-stf>
- Derzi, Misabel de Abreu Machado “Tipo ou conceito no Direito Tributário?” Revista da Faculdade de Direito da UFMG, Belo Horizonte: UFMG, No. 30-31, 1988. <https://www.direito.ufmg.br/revista/index.php/revista/article/view/1046/979>
- Keirse, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.
- Marías, Julián **Hispanoamérica**, Madrid: Alianza, 1986.
- Quintaneiro, Tania; et al. **Um toque de clássicos : Marx, Durkheim, Weber**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- Roy M. Oswald & Otto Kroeger. **Personality Type and Religious Leadership**. An Alban Institute Publication, 1988.

Recebido para publicação em 30-08-18; aceito em 30-09-18